

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

A IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO NO COTIDIANO

IVANÍ RODRIGUES BARBOSA



PONTES E LACERDA, OUTUBRO DE 1997

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

40
(Data)

A IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO NO COTIDIANO

IVANÍ RODRIGUES BARBOSA

Ensaio monográfico de conclusão do Curso
de Letras na disciplina de Estágio
Supervisionado de Língua Portuguesa e
Literatura - VIII Semestre 97/1, do Campus
Universitário de Pontes e Lacerda - MT,
com a docente Maria Inês Parolin Almeida.

PONTES E LACERDA, OUTUBRO DE 1997.

*"SE ALGUMA COISA ALTEREI
DA DOUTRINA DE PLATÃO,
CONCORDO, PERFEITAMENTE,
USEI MINHA FICÇÃO.
SE SÓCRATES NADA ESCREVEU
E PORQUE NÃO POSSO EU
USAR A IMAGINAÇÃO?"*

RODOLFO COELHO CAVALCANTE
JULGAMENTO DE SÓCRATES - CORDEL

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu esposo Robson Dantas de Azevedo, que tantas vezes me incentivou, fez minhas obrigações, abriu mão de vários finais de semana para ficar em casa e me ajudar.

A todos os professores e em especial à Professora Maria Inês Parolin Almeida, que quando a minha paciência acabava, sempre me entendia.

Aos meus irmãos e principalmente a minha mãe, que exerceu e exerce um papel de pai e mãe e sempre deu muita força em tudo que eu fiz.

SUMÁRIO

I - APRESENTAÇÃO

II - QUADRO TEÓRICO

III - MATERIAL ANALISADO

IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS

V - ANEXOS

VI BIBLIOGRAFIA

I APRESENTAÇÃO

Despertei-me para essa pesquisa a partir do momento em que passei a observar e comparar o discurso de duas funcionárias da Escola Estadual de Suplência de 1º e 2º graus “Vale do Guaporé”, situada à Avenida Marechal Rondon, 2665, no Jardim Bela Vista em Pontes e Lacerda-MT. Uma das funcionárias parou seus estudos na segunda série do 1º grau, lê com dificuldades e não assina muito bem (legível) o nome, que é MARIA RODRIGUES DA SILVA PONCE. A outra servidora entrevistada é MARIA GENILDA DA SILVA MOREIRA, que tem dois segundos graus e é professora de computação na FUNGASPI. As duas foram entrevistadas e o resultado de suas entrevistas compõem o corpus de análise deste trabalho.

Essas análises só foram possíveis após leitura da obra “Letramento e Alfabetização” que coloca que em uma sociedade não existem pessoas que não possuam nenhum grau de letramento, pois elas estão sempre em contato com pessoas que são alfabetizadas, algumas possuem um grau menor e outras um grau maior de alfabetização, sendo assim, não existe nenhuma pessoa com grau zero de letramento, porque elas sofrem influência todo o tempo de pessoas alfabetizadas.

Observei também as entrevistas segundo o prisma teórico da Análise do Discurso, da linha francesa, que afirma que o sujeito fala de acordo com a formação ideológica.

Para a realização das entrevistas foi usado um gravador e as mesmas após realizados, às entrevistas foram transcritas e analisado a importância que a escola tem no discurso de cada entrevistada.

As entrevistas encontram-se em anexo e foram transcritas segundo Marcuschi (...).

II QUADRO TEÓRICO

“Pode-se afirmar com Maingueneau (1976) que foram os formalistas russos que abriram espaço para a entrada no campo dos estudos linguísticos daquilo que se chamaria mais tarde discurso. Operando com o texto e nele buscando uma lógica de encadeamentos “transfrásticos”, superam a abordagem filológica ou impressionista que até então dominava os estudos da língua. Essa abertura em direção ao discurso não chega entretanto, às últimas consequências, pois seus seguidores, os estruturalistas, propõem-se como objetivo estudar a estrutura do texto “nele mesmo e por ele mesmo” e restringem-se a uma abordagem imanente do texto, excluindo qualquer reflexão sobre sua exterioridade”... Brandão (1995:12).

A análise do discurso enquanto disciplina surgiu nos anos 50, então surgem alguns autores que tentavam mudar a análise do que era usada naquela época.

A obra de Harris passou a ser considerada um marco inicial da análise do discurso e era colocada como uma extensão da lingüística.

Segundo esta teoria, todo falante ou ouvinte ocupa um determinado lugar na sociedade, isso faz parte da significação, pois na posição que ocupa, de falante ou ouvinte, cria efeitos de sentidos entre o real e o imaginário. Ele cria representações simbólicas para suas reais condições de vida.

O discurso, além de fazer parte das formações imaginárias, está relacionado com os sentidos dos textos, explicita que todo discurso está ligado ao outro. Por isso deve ser visto com um discurso sedimentado.

O discurso é visto como objeto analítico, pois através dele o sujeito manifesta as posições que ocupa ... “As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam”... Eni Orlandi (1995:58).

Esse processo discursivo faz parte das formações discursivas, que são formações componentes das formações ideológicas, as quais determinam o que pode ser ou não dito, a partir de uma determinada posição.

Para Eni Orlandi as palavras mudam de sentido ao passarem de uma formação para outra, elas mudam sua relação com a formação ideológica. A formação discursiva é o lugar da constituição do sentido do sujeito, onde todo o sujeito se reconhece consigo mesmo e com os outros, assim ele adquire sua própria identidade, pois ele fala de um lugar que ocupa na sociedade, sendo assim as formações discursivas podem ser apagadas com o surgimento de outra dominante.

Para Althusser os Aparelhos Repressores (ARE) mantêm o domínio através do ... “Governo, o exército, a polícia, os tribunais, as prisões etc.”... esse é o domínio através da repressão, enquanto que os Aparelhos Ideológicos (AIE) dominam através de instituições, ou seja, a religião, a escola, a família, o direito, a política, o sindicato, a cultura, a informação”... 1º op. cit. (1995:22), esse é o domínio através da ideologia.

Segundo Helena Brandão Althusser coloca que ... “a ideologia representa a relação imaginária de indivíduos com suas reais condições de existência”... 1º op. Cit. (1995: 22).

Ainda em Althusser a função da ideologia é constituir indivíduos concretos em sujeitos, essa formação é que exerce um papel importante no funcionamento de toda ideologia, e através desses mecanismos de ideologia é que se opera a transformação do sujeito, somente através dele e nele é que a existência da ideologia será possível.

O sujeito é um espaço vazio que pode ser preenchido por diferentes indivíduos, pode ocupar várias posições no discurso. Eni Orlandi coloca que existem diferentes posições do sujeito no texto e que essas diferenças correspondem às várias formações discursivas. Isto acontece porque em um texto podemos encontrar enunciados de discursos que derivam de várias formações discursivas.

Para a análise do discurso, o sentido não se dá em si só, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas pelo processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido dependendo da forma que estão sendo usadas. E a formação discursiva se define a partir da posição que o sócio-histórico oferece, ou seja, determina o que deve e o que não deve ser dito. ... “A formação discursiva é enfim o lugar da constituição do sentido e da identificação do sujeito”... 2º op. cit. (1995:58).

Uma formação discursiva é constituída por um sistema de paráfrases. Para Eni Orlandi paráfrase é um mecanismo de delimitação discursiva, ou seja, ela não permite outro sentido no que está sendo dito. Enquanto a polissemia é totalmente contrária à paráfrase. Ela permite vários sentidos entre as diferenças discursivas, permite pluralidade e multiplicidade de sentido. ... “Paráfrase é um mecanismo de “fechamento”, “delimitação”... .. “Polissemia rompe essas fronteiras”... 1º op. cit. (1995: 39).

Não é só quem escreve que dá sentido, mas quem lê também produz sentidos e isto é que determina as condições histórico-sociais, ou seja, fazemos leitura do lugar que ocupamos. Para análise do discurso uma metodologia deve levar o sujeito a ter uma interpretação do texto (sem ser manipulado pela leitura, ele já traz um sentido determinado). O sentido de um texto não deve ser dado nem pelo autor, nem do leitor, mas sim fazer parte de um contexto.

O autor é o responsável pelo texto que produz ... “O autor é o princípio de agrupamento do discurso, unidade e origem de suas significações. O que o coloca como responsável pelo texto que produz”... 2ºop. Cit. (1995:4).

O autor só é considerado um verdadeiro autor se o que escreve ou fala for capaz de ser entendido pelos leitores. ... “O sujeito só se faz autor se o que ele produz for interpretável”... 4º op. Cit. (1993).

O letramento são às várias leituras de mundo que as pessoas possuem e que são capazes de fazer.

Na obra Tfouni afirma que para alguém ser considerado letrado, tem de conviver com outras pessoas que sejam alfabetizadas, sem necessidade de estas possuírem um grau elevado de domínio da escrita, mas que no mínimo conheçam seus códigos. ... “Esse movimento mostra que o letramento é um processo mais amplo do que a alfabetização, porém intimamente relacionado com a existência e influência de um código escrito”... 3º op. cit (1995:38).

As pessoas iletradas são as que não têm acesso e nem sofrem influência da escrita. ... “Assim, culturas ou indivíduos, agráfos ou iletrados, são somente os pertencentes a uma sociedade que não possui, nem sofre, a influência, mesmo que indireta de um sistema de escrita”... 3º op. cit. (1995:38).

Segundo Tfouni ao se expressar, a pessoa que não é alfabetizada não tem dificuldades.

... “Assim como o sujeito da oralidade não se confunde com o sujeito da escrita, também não existe coincidência entre este último e o sujeito do letramento”... 3º op. cit. (1995:86). O sujeito da escrita sente necessidade do poder, de textos com início, meio e fim, assim ele sente a transparência do sentido. Já o sujeito do letramento na maioria das vezes não é alfabetizado, pois o seu conhecimento é do cotidiano, ou seja, da prática social.

O homem sente a necessidade da escrita para ficar registrado em algum lugar a sua imortalidade, porque através da oralidade não existe registro, porque ao falar alguma coisa, o ouvinte pode passar para frente de forma diferenciada. ... “Essa descrição ilustra exemplarmente como a escrita, o ato de escrever, fornece ao autor a ilusão da materialidade do pensamento”... (Pêcheux, 1993).

A escrita faz o homem se sentir mais poderoso, sentindo a ilusão de completude, do controle do sentido para quem escreve. ... “Por isso, o sujeito da escrita acredita que “planejou” e disse (escreveu) exatamente o que pretendia... 3º op. Cit. (1995:94).

O sujeito literário tem a ilusão de que controla os significantes de seu processo de deriva ... “Criando assim um “efeito de beleza” que é para ele, “ uma espécie de encontro, uma verdade de todo tempo”... 3º op. cit. (1995:95). (Attié 1989: 26).

Sendo assim é passado para a sociedade a ilusão de que a pessoa alfabetizada e letrada possui mais facilidade para se sobressair na sociedade do que o sujeito letrado não-alfabetizado. Do que Tfouni discorda, pois para ela o sujeito consegue se dar bem da sociedade independente de ser alfabetizado ou não. ... “Então parece que, mesmo dividido entre a ilusão do controle e a deriva do sentido imposta pelo inconsciente e pela ideologia, o sujeito letrado e alfabetizado é, de fato, mais poderoso do que o sujeito não-alfabetizado”... 3º op cit. (1995: 97).

O que Eni Orlandi coloca sobre Pêcheux, ... “Que considera a produção de sentidos determinada tanto por fatores sócio-históricos,

sujeitos à ideologia, quanto por fatores incoscientes, afetados pelo desejo''... 3º op. Cit. (1995:98).

III ANÁLISE DO MATERIAL

Diante as entrevistas realizadas, observei que MARIA RODRIGUES DA SILVA PONCE (M.R.S.P), separada, mãe de duas meninas, 29 anos, reside no Bairro que fica no chamado Pé da Serra (próximo ao Parque de Exposições), trabalha para manter a casa e suas filhas. Frequentou escola até a segunda série do 1º grau há cerca de vinte anos atrás. Consegue relacionar-se bem com os professores e alunos, sempre alegre, conversa com todos os membros da escola de forma educada, sem grosseria. Quando está fazendo as suas atividades, passa a maior parte do tempo cantarolando, é muito prestativa. Além de trabalhar o tempo todo, coloca a outra colega de trabalho também .

A pergunta feita para as entrevistadas foi se elas são a favor ou contra a reeleição para Presidente da Republica? E após a pergunta elas iam falando o seu ponto de vista.

Na entrevista ela fala sobre reeleição de forma que não deixa dúvida que se o presidente atual for reeleito e mantiver o plano real, vai ser muito bom.

A entrevistada ao falar ... “No meu caso facilitou bastante, facilitou a compra de “móveis” de roupa, alimento, alimentação, acho que as pessoas agora têm facilidade para alimentar melhor principalmente os pobres”... deixa claro que esse plano é o ideal para os pobres, não deixa dúvida que melhorou e ainda vai melhorar o custo de vida das pessoas de baixa renda.

Na outra entrevista realizada, com MARIA GENILDA MOREIRA (M.G.M), percebemos que é solteira, com dois segundos graus, professora de computação na FUNGASPI, 30 anos, reside na Avenida Joaquim Gomes de Souza, 831, mora com a mãe e outra irmã solteira, trabalha para ajudar em casa e para ela própria. Muito tímida, conversa para responder outra pessoa, senão trabalha o tempo todo, é muito prestativa.

Em sua entrevista deixa suspense, espaço entre uma fala e outra. O que acontece também com Dona Madalena a entrevistada da obra já citada anteriormente, na narrativa do “Jobão e Albino”, onde ela deixa espaço entre uma fala e outra ... “sugestão antecipada de que algo importante vai acontecer na ação, sem que seu conteúdo seja explicitado naquele momento”... 3º op. cit. (1995:55).

Dona Madalena, na história citada, produz o que Tfouni chama de efeito de suspense, quando em um dos episódios da narrativa, o protagonista, o rei Albino, oferece-se a outro rei de nome Lulu, para ir guerrear. ... “Então o rei tinha que... o rei lá, o rei Lulu tinha que i nessa guerra [...] E jornal pa toda parte, a chamada do rei lulu. O rei Albino, o

estivessem de fora e fossem especialistas tratando de um assunto teórico) ... “As pessoas agora têm facilidade mais para alimentar melhor, principalmente os pobres”...M.R.S.P. ... “Hoje se vê que tem mais facilidade mesmo o assalariado do que o próprio patrão”...M.G.M. A entrevistada, M.G.M. só ao final da entrevista se coloca como “eu”, pois no início ela fala impessoalmente e só no final se identifica com o que está falando.

Nas entrevistas realizadas com M.R.S.P., observamos que a escola não tem muita influência e não diferencia o discurso. Na fala de M.R.S.P., que pela escola é considerada semi-analfabeta, há mais clareza e ela não deixa dúvidas no que está dizendo, enquanto que M.G.M., com um grau de escolaridade maior, deixa espaços entre as falas e permite dúvidas em alguns trechos. Sendo assim, a escola não tem sido de muita ajuda, pois o analfabeto consegue sobreviver, ou seja, faz tudo que uma pessoa alfabetizada faz.

Além de a escola não influenciar no nível de discussão entre as duas, a entrevistada considerada semi-analfabeta organiza seu discurso com tanta propriedade quanto a outra, e as duas se inscrevem numa mesma formação ideológica-discursiva.

As duas se situam no mesmo nível ao elaborar sua ‘simbolização particular’, pois relacionam as benfeitorias do plano econômico somente a necessidades básicas, ligadas ao baixo assalariado (sendo repetição ou não, houve seleção de memória) Ex: alimentação, roupas, compras e prestação.

A escola tem a ilusão de que a pessoa alfabetizada tem mais facilidade para sobreviver e o semi ou analfabeto consegue sobreviver, mas com dificuldades. Disso Tfouni novamente discorda, para ela as pessoas, independente de serem alfabetizadas ou não, conseguem trabalhar e ter uma vida normal e às vezes chegam a se sobressair melhor do que algumas pessoas alfabetizadas. Isto ficou claro nas entrevistas realizadas com M.R.S.P. e M.G.M.: O discurso é o mesmo, a entrevista da M.R.S.P é de melhor entendimento o que confirma que a escola não possui influência nas inscrições discursivas ou no efeito de autoria, pois M.R.S.P possui só o conhecimento do cotidiano, ou seja, o letramento.

Em algumas partes da entrevista não deixa suspense, porque ela fala o seu ponto de vista e justifica o porquê, concorda ou não ... “tem mais facilidade de comprar as coisas, e até mesmo a alimentação. E porque eu sou a favor da reeleição pro lado do Fernando Henrique? Porque para mim esse plano deu certo”... Ela não deixa dúvidas no leitor/ouvinte. Fala de forma que o leitor ache que nas próximas palavras vai ser explicitado o restante.

Na entrevista M.G.M fala de forma que o ouvinte acredite e concorde com tudo que ela está dizendo ... “eu sou a favor, porque ... “ué” hoje se vê que tem mais facilidade mesmo o assalariado do que o próprio patrão “né”... O uso do “ué” e “né”, leva o ouvinte a ficar atento no que está sendo dito e que ele concorde que a reeleição para presidente é muito boa e que o Fernando Henrique Cardoso é e vai continuar sendo um bom presidente.

Nas entrevistas realizadas com M.R.S.P. e M.G.M. é pergunto se elas são a favor ou contra a reeleição para Presidente da República, mas não são questionadas, se se trata do Fernando Henrique Cardoso (este nem é citado). E responderam da forma que ouvem na televisão e em outros meios de comunicação, que são a favor da reeleição para o Presidente Fernando Henrique Cardoso. Porque essa é a formação ideológica que as atravessa, e o que elas ouvem influencia nas respostas, pois falam repetindo o discurso, que está sendo transmitido pelos meios de comunicação. ... “Porque para mim esse plano deu certo e se for mudar e entrar outro candidato, vai bagunçá tudo a casa novamente”...

O emprego dos “né” e “ué”, leva o ouvinte a prestar muita atenção no que está sendo falado, porque M.G.M. emprega o “né” para a pessoa concordar com o que está sendo dito. O mesmo que Tfouni coloca sobre Dona Madalena, que ela leva o ouvinte a ser cúmplice do que está narrando e que continue a atenção voltada para ela. Este é um efeito de autoria no discurso das entrevistadas, na oralidade das mesmas.

Para Eni Orlandi, a paráfrase não permite múltiplos sentidos ou significados em uma fala, é o que acontece com as entrevistadas, pois falam do mesmo assunto da mesma forma e sempre usando os mesmos termos. ... “facilitou bastante, facilitou a compra de “móveis” de ropa, alimento, alimentação”... M.R.S.P. ... “Ele tem mais facilidade de comprar as coisas, e até mesmo a alimentação”...M.G.M. Nas entrevistas elas levam o ouvinte a concluir que o plano real foi o melhor e vai continuar sendo. Apesar de o plano real ter sido lançado no Governo do Presidente Itamar Franco, quando o Presidente Fernando Henrique Cardoso era ministro da economia, elas respondem como se o citado, plano tivesse sido lançado no Governo do Fernando Henrique Cardoso. É isso que elas ouvem pelos meios de comunicações e passam para a frente. Neste sentido, a inscrição discursiva das duas é a mesma, assim como as relações com sua realidade.

Uma prova disto é que as entrevistadas se expressam como se elas não estivessem passando e enfrentando esses problemas (como se

príncipe Albino foi e chamou o rei Lulu. “Rei Lulu!” “Rei Lulu”! Eu sou novo, eu vou guerrear no seu lugar”....

Sendo assim produz no leitor/ouvinte a sensação de que o autor sabe alguma coisa importante que não quer dizer naquele determinado momento, mas vai ficar claro mais adiante. ... “hoje (+) se vê que tem mais facilidade mesmo o assalariado do que o (+) próprio patrão”...MGM.

Ela tem muitas dificuldades para se expressar, o que deixa dúvida sobre o que está dizendo.

Na fala da Maria Rodrigues da Silva Ponce, mesmo sendo considerada semi-alfabetizada pela escola, mostra maior facilidade para se expressar e clareza no que está sendo dito. Ela fala de forma tão clara, que não deixa dúvida ao ouvinte sobre o que está sendo falando.

Ao se expressar MRSP o faz da forma que passa na televisão ou que ouve de outras pessoas. ... “Apesar de o pagamento atrasar um pouco, mas a gente sabe que chega chegando chega uma certa hora ele tem que chegar e a gente pode acertar as continhas”...

Segundo Tfouni, ... “Nas sociedades altamente letradas, o discurso oral de adultos não-alfabetizados está perpassado por características que comumente são atribuídas ao discurso escrito”... nenhuma pessoa que vive e sofre influência de pessoas alfabetizadas é analfabeta, pois possui o conhecimento do cotidiano e quem ouve a entrevista de MRSP não tem dificuldades para entender o que está sendo dito. Ela fala da forma que escuta as outras pessoas falarem e a partir daí ela forma o seu ponto de vista sobre determinado assunto e passa para a frente. Tfouni considera como muito importante, porque essa pessoa não sente embaraços para sobreviver. ... “Pode ocupar para falar de si próprio, de suas experiências, conhecimento de mundo, sentimentos, ou, mais sucintamente, entendida como a forma pela qual o sujeito organiza sua simbolização particular.”... 3º op. cit. (1995:74)

Nas entrevistas a autoria está presente, pois segundo Tfouni ... “Continuando a discussão, gostaria de acrescentar que tomar a questão da autoria como critério para exame do letramento enquanto processo sócio-histórico implica também o compromisso de mostrar que o discurso oral do analfabeto pode estar perpassado por características do discurso escrito, ou seja: que a função-autor não é prerrogativa possível apenas para aqueles que aprendem a ler e escrever, mas, antes, é uma função ligada a um tipo de discurso - isto é, uma função ligada a um tipo de discurso e historicamente constituído (como, aliás, todos os discursos o são), pode estar também acessível àqueles que não dominam o código escrito)”... 3º op. cit.(1995:45)

Na fala da outra entrevistada ... “Para mim esse plano deu certo e se for mudar e entra outro candidato, vai bagunçar tudo a casa novamente”... ela usa termos que ouve no seu dia-a-dia e transmite para outras pessoas.

IV CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Escrever nunca foi e nunca será a mesma coisa que falar”. Gnerre p.8

O autor nesse fragmento fala da importância que é a oralidade em uma sociedade onde a grande maioria é semi ou analfabetos.

As pessoas consideradas semi ou analfabetas são discriminadas perante a sociedade que não levam em consideração o tipo de leitura e o conhecimento que elas possuem do seu cotidiano.

Nessa pesquisa observei que a escola não tem muita influência na vida das pessoas, pois quem é considerado semi ou analfabeto, vive da mesma forma ou melhor do que uma pessoa considerada alfabetizada.

Para chegar a esse recorte passei por vários outros temas até chegar a esse. Depois do tema escolhido foi a vez de verificar quem seria a orientadora, comecei a fazer várias leituras sobre a Análise do Discurso e Letramento, só então comecei com fichamento e depois passei para a parte escrita, após começar a escrever para dar continuidade ao ensaio monográfico, realizei duas entrevistas para verificar a influência que a escola exerce sobre as pessoas.

As entrevistas foram realizadas com uma pessoa semi-analfabeta que é a MARIA RODRIGUES DA SILVA PONCE, a outra entrevistada é MARIA GENILDA MOREIRA, com dois segundos graus e exerce a função de Professora de computação na FUNGASPI, em seguida fiz as análises das entrevistas e constatei que a escola não tem muita importância para as pessoas. Pois elas sendo alfabetizadas ou não elas sobrevivem muito bem nessa sociedade onde são marginalizadas.

Observei também que as pessoas que não possuem escolaridade, perante a sociedade a discriminação é muito grande. Mas o que a sociedade não percebe é que elas possuem um conhecimento muito grande do cotidiano, o que as ajuda a se sobressair e com muita segurança em tudo o que faz e sem embarrasos.

V ANEXOS

ANEXO I

MATERIAL ANALISADO

Entrevista realizada no dia 16 de Outubro de 1997.

A primeira entrevista foi feita com a funcionária MARIA RODRIGUES DA SILVA PONCE, que trabalha como auxiliar de serviços gerais, e colocou o seu ponto de vista sobre a reeleição para Presidente da Republica.

Primeiramente a entrevistadora perguntou se a mesma é favorável ou não à reeleição do Presidente da Republica, a entrevistada disse que sim, e falou o porquê.

I - Nós estamos com a M.R.S.P. que é funcionária da Escola Estadual de Suplência de 1º e 2º graus "Vale do Guaporé", que vai nos falar o seu ponto de vista a respeito da reeleição para Presidente da Republica. Maria você é a favor ou contra a reeleição para presidente da Republica?

M.R.S.P. sou a favor : (+)

I - Porque que você é a favor?

M.R.S.P. - Porque ele que criou o plano real:: e e (+) no meu caso facilitou bastante, facilitou a compra de (+) móveis de roupa, alimento, alimentação, acho que as pessoas agora têm (+) facilidade mais para alimentar melhor principalmente os pobre.(++) E antes eu trabalhava por conta e não tinha dinheiro nem para pagar minhas contas e agora chega o final do mês eu tenho e posso pagar as minhas contas em dia, apesar do pagamento atrasar um pouco, mas a gente sabe (+) que chega (+) chegando (+) chega ((se arruma na cadeira)) uma certa hora ele tem que chegar e a gente pode acertar as continhas da gente e (+) pode continuar comprando de novo, à prestação, as coisa à prestação, que a gente sabe que a gente vai te condições de pagá.

ANEXO II

Segunda entrevista, realizada com a funcionária MARIA GENILDA MOREIRA, que trabalha na secretaria da Escola Estadual de Suplência de 1º e 2º graus "Vale do Guaporé", como Assistente de Administração, a mesma possui dois segundos graus completos e é professora de computação na FUNGASPI.

I - Bem, agora nós vamos falar com a Nilda, que trabalha na Secretaria da Escola e é professora na FUNGASPI de computação.

I - Nilda, você é a favor ou contra que sobre a reeleição para Presidente da Republica?

M - Eu sou a favor, porque (++) "Úé" hoje (+) se vê que tem mais facilidade mesmo o assalariado do que o (+) próprio pa-patrão "Né?. Ele tem mais facilidade em compras as coisas, é (+) até mesmo a alimentação, e porque que eu sou a favor da reeleição (+) pro (+) lado do Fernando Henrique, porque (+) para mim esse plano deu certo e se for mudar (+) e entra outro candidato, vai bagunçar tudo a casa novamente, e nós temos conseguino sair do buraco é devagarinho (+) e (+) eu acho que esse plano vai dar certo e temos que insistir neli.

1957

V I BIBLIOGRAFIA

- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Introdução à análise do discurso. 4. Ed. Campinas, SP, editora da Unicamp, 1995.
- CANGUILHEN, J (1980) Le Cerveau et la Pensee, MURS, Paris.
- COURTINE, J.J. La toque de Clémentis, Paris, s.d., xerox.
- FOUCAULT, M. (1971) L'Ordre du Discours, Paris, Gallimard.
- FOUCAULT, M. (1983) "qu'est-ce qu'un auteur?", Litterall, 9, Paris.
- G.Authier (1984) "Hétérogénéités Enonciatives" Langages. Larousse. Paris.
- GNERRE, Maurizio. Linguagem, escrita e poder, São Paulo, Martins Fontes, 1994.
- GUIMARÃES, E. "Independência e Morte", em Orlandi et alii (1993).
- MARCHUSCHI, Luiz Antônio. Análise da Conversação 1º ed. Editora Ática, São Paulo, 1986.
- ORLANDI, E. (1987) "Nem escritor, nem sujeito: apenas autor". Leitura Teoria e Prática. Porto Alegre, Mercado Aberto.
- ORLANDI, E. e Guimarães E. (1988) "Unidade e Dispersão: uma questão de texto e de sujeito", Cadernos PUC. Educ. São Paulo.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. Leitura e Discurso, São Paulo. Cortez, Campinas, SP, editora da Universidade Estadual de Campinas, 1988.
- ORLANDI, E. (1990) Terra à Vista. Cortez/Unicamp. São Paulo.
- ORLANDI, E. (1992) A forma do Silêncio. Unicamp, Campinas.
- ORLANDI, E. (1993 a) Discurso Fundador. Pontes, Campinas.
- ORLANDI, E. (1993 b) Entremeio e Discurso. Congresso Interdisciplinar. Santa Maria, Rio Grande do Sul.
- PÊCHEUX, N. (1981) "Lire I 'Archive Aujourd'hui'" St. Cloud. Paris.
- P. Lecourt. 1978. Pour une critique de l'Epistmologie, Maspero, paris.
- S. Gallo. Discurso da Escrita e Ensino. Ed. Unicamp, 1992.
- TFOUNI, Leda Verdiani. Letramento e Alfabetização, editora Cortez São Paulo, 1995.

